

3

TRADIÇÕES POPULARES

COLHIDAS NO CONCELHO

DE

BARCELLOS

POR

CANDIDO AUGUSTO LANDOLT

COM UMA INTRODUÇÃO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS



BARCELLOS

—
1884

S. C.
17773

TRADIÇÕES POPULARES

COLHIDAS NO CONCELHO

DE

BARCELLOS

POR

CANDIDO AUGUSTO LANDOLT

COM UMA INTRODUÇÃO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS



BARCELLOS

—
1884



COMPRA

Q. 178269

50
—
17773

TYPOGRAPHIA DA AURORA DO CAVADO

E.º R. V.

INTRODUCCÃO

Para que um dia se possam estudar completamente as nossas tradições populares, é da máxima importancia formar collecções parciaes, correspondentes ás provincias, ou ainda aos concelhos. Os habitantes das localidades estão mais no caso de colher informações abundantes sobre essas localidades, do que aquelles que têm de abranger o paiz inteiro.

A respeito do Algarve ha já o *Romanceiro do Algarve* de Estacio da Veiga, e varios *Romances* publicados por Reis Damaso na *Encyclopedia Republicana* de Lisboa; do Alentejo ha uma riquissima collecção de *Cantos e Comparações populares* impressas por A. Thomás Pires na *Sentinella da Fronteira* de Elvas e no *Elvense*; do Douro ha as *Tradições populares da provincia do Douro* publicadas na *Aurora da Cavado* por J. Vieira de Andrade; da Beira-Alta, minha patria, publiquei eu alguns *Costumes* na citada *Encyclopedia*; do Minho, oude teho por vezes

passado diferentes ferias, publiquei egualmente alguns *Costumes* no jornal *O Penafidense* de Penafiel.

Isto, pelo que se refere a *collecções parciais*, porque *collecções geraes* são tambem numerosas, e Portugal póde proporcionalmente hombrear com os paizes mais ricos em obras deste genero, como a Italia, a França, etc.

Mas a mina estará esgotada?

Não, de certo: ella é vastissima, abrange todos os dominios em que a intelligencia do povo é capaz de se espraiair.

Eis porque me alegrei immenso quando o snr. Candido Augusto Landolt, moço de muita vontade por estes assumptos, me enviou uma collecção de tradições do concelho de Barcellos, pedindo-me duas linhas de introdução para ella.

A collecção está fiel. Se eu agora tivesse tempo, podia em notas indicar diversas variantes portuguezas; assim se veria mais claramente a veracidade do que affirmo.

— Não me cançarei de dizer mais uma vez que o estudo das tradições populares, ainda que pareça que não, tem um interesse real e profundo, não só para a nossa ethnographia, mas para a ethnographia geral, porque, sem o conhecimento do viver intimo, por assim dizer domestico, de um povo, mal se póde conhecer bem esse povo nos seus caracteres actuaes, e por outro lado, sem o conhecimento do passado, nós não comprehenderemos a nossa existencia: ora, as tradições populares são a cada passo reliquias que as gerações extinctas deixarão na sua marcha através dos seculos; são fragmentos que, recompostos, o que se obtem pelas comparações

quer entre as tradições de um paiz quer entre as de muitos paizes, reproduzem um quadro maravilhoso em que se desenha, nos seus traços mais salientes, a evolução da humanidade.

Como, na collecção que se segue, abundão os termos populares, eu vou precedê-los de algumas notas grammaticaes que não alongo muito, porque, tendo de publicar em breve um trabalho ácerca dos *Dialectos minhotos*, deixo para lá as minuciosidades. Aqui occupo-me só de Barcellos, fundando-me principalmente nos materiaes avulsos que o sr. Landolt me remetteu, e noutros que colhi numas cartas manuscritas do sec. XVIII datadas de Barcellos, cartas que para esse fim me emprestou o meu contemporaneo de medicina, e intelligente amigo, Almeida Ferraz, de Barcellinhos.

LINGUAGEM POPULAR DE BARCELLOS

(SEC. XVIII)

1. Os mss. apresentam a constante mutação entre *b* e *v* que se observa no Norte do paiz, *bestido*, *ovedecer* (obedecer), *bolta*, *brevidade*, *bir*.

2. A dissimilação é frequente: *distribuição*, *deligencia*, *semilhantes* (todos tres de 1782), *Casemira* (em assignatura), *fertuna* (muito repetido). Tudo isto é vulgar hoje.

3. Ha *oi=ui* em *coidado* (repetido) e *discoitado*. O *dis* que se observa neste ultimo termo observa-se tambem em *disconfiança*.

4. Nota-se syncope em *croa* (=corôa), em *alfaale* (=alfaiate); apherese em *maginario* (=imaginario: «que faz *imagens* de santos», etc.) é termo que entra na seguinte phrase de um rol: «Dej [dei] ao *maginario* de compor o rosto da Senhora... 120». Trata-se evidentemente de uma imagem da Virgem.

5. Nos mss. de 1774 lê-se *ordes* (=ordens), como hoje ainda se diz.

6. Termos varios: *dipois* (=depois), *covoilo* (=covado), *reposta* (repetido), *munto*, *muntas razoens*, *huã*, cuja orthographia queria representar a nasalidade do *u* (=uma), *boma* (i é, *bôa*=

boa, do lat. *bona*), *rezistos* (=registos: 1761). Todos estes termos se encontram hoje ainda no povo em algumas terras.

SEC XIX

7. Em Barcellos, como numa grande parte do Entre-Douro-e-Minho, pelo menos no distrito de Braga e em certos pontos do do Porto, o *al* inicial ou medial troca-se por *ar*, aparecendo um *u* antes do *r*: *cáurdo* (=caldo). *máurga* (=malga). O sr. Landolt cita-me também a terminação *aur* em *saur* (=sal), que eu ainda não conhecia; cita ainda *Cazáur de Nilo* (Cazal de Nil), onde porém *aur* se pôde considerar medial; cita finalmente *ér* (=el), o que também para mim é novidade: *Ansérmo* (=Anselmo), *rebérde* (=rebelde), etc. *Sirva* (=silva) é vulgar em Barcellos como em Guimarães, etc. Em Barcellos diz-se *azur* como nos arredores do Porto.

8. Do mesmo modo que no Porto, faz-se em Barcellos um ditongo, de *e* tónico em *ie* (*i* rápido) e de *o* tónico em *uo* (*u* rápido): *Barciéllos*, *cobiérta*, *paniélta*, *miérca*, *quiéro*, *chapiou*, *Gondifiéllos* (=Gondifellos, povo no conc. de Famalicão), *tiérta*, *amariéllo*; *Ruosa*, *uólhe* (=o-lhe), etc.

9. O snr. Landolt cita-me *pom* (=pão), mas provavelmente deve ser *póum* (ditongo), como noutros pontos. Em Barcellos ha porém a terminação—*ão* na palavra *manhão* (=manhã), *irmão* (=irmã), *mação* (=maçã), plural maçães, —como eu soube por outra fonte.

10. Já ha muito eu sei que em Barcellos se

diz, como no Porto, *cumprar*, *muntar*, *cumprido*, *rumper*, etc., isto é um (un)=om (on) atono. A esta pronúncia corresponde em (en) com e surdo como em *senhor*, *bender*, *pensamento*, *intender*, etc.

11. Na lista do snr. Landolt vem: *quêz* (=quiz), *troufe* (=trouxe) e *fui* (=foi), que se encontram noutros pontos. Sobre *fui* vide os meus *Dialectos Beirões*, I, §

Reservo para um *glossario* final a menção de muitos outros termos.

Porto, 25 de Maio de 1884.

J. LETTE DE VASCONCELLOS.

I

CANÇÕES POPULARES

1

O' Barcellos, ó Barcellos,
O' Barcellos, ó vadio,
Deitaste-te da ponte abaixo,
Foste beber agua ao rio.

2

O' Barcellos, ó Barcellos,
O' Barcellos, ó ladrão,
Cahiste da ponte abaixo,
Foste beber agua ao cachão.

3

Adeus, ó Rua-Direita.
Hei-de-te mandar dourar
De pedrinha em pedrinha
P'ra o meu amor passear.

4

Adeus, ó Rua-Direita,
Rua de marmuração,
Onde se faz audiencia
Sem juiz nem escrivão.

5

Adeus, areal do rio,
Adeus, areias brilhantes,
Adeus, Senhora da Ponte,
Passeio dos estudantes.

6

Adeus, carvalho da ponte,
Adeus, da ponte carvalho,
Tu foste o alcobiteiro
Da moça do boticaio.

7

Se fores a Barcellinhos,
Tira o chapéu a meu pai:
Pede-le a filha mais nova,
Que a mais velha já lá vai.

8

Se fores a Barcellinhos,
Leva contas de rezar
Que lá estão as feiticeiras
Que te pod'infetiçar.

9

As moças de Barcellinhos
Todas tem a fralda rota;
Só a moça do vigairo
Tem uma nova d'estopa.

10

As moças de Barcellinhos
Todas tem o c. . . de pau,
A barriga de manteiga,
Os peitos de bacalhau.

11

Desde que Barcellos falta,
Barcellinhos saciou,
Fizerão tanques e ruas
C'o dinheiro que deixou.

12

O seu filho Barcellinhos
Tão infame lhe sahiu!
Viu cahir seu pai ao rio
Nem por isso lh'acudiu.

13

Se fores a Barcellinhos,
Leva um ramo de trovisco,
Que as moças de Barcellinhos
Capáro o padre Francisco.

14

Debaixo da ponte ando'
Dois peixinhos a nadar;
Debaixo d'um burro ande
Quem se ri do meu cantar.

15

Mais vale amar uma pedra
Do que amar uma mulher:
Sempre tem a cara torta,
Nimguem sabe o que ella quer!

16

O meu peito é um relógio,
Meu coração dá pancadas:
No dia que te não vejo
Trago as horas trocadas.

17

Eu por arte tomei amores,
Eu por arte te eide amar;
Quem por arte toma amores
Por arte os torna a deixar.

18

D'aqui d'onde estou bem vejo
Olhos que me estão matando:
matai-me devarinho,
que eu quero morrer penando!

19

Arvore, que das *pilretes*,
porque não das coiza boa?
Cada qual dá o que tem
conforme a sua pessoa.

20

Ha couzas que parecem bem,
Ha couzas que não parecem,
Ha couzas que deminuem
Ha couzas que crescem.

21

Quem diz que o amar enfada,
decerto que nunca amou:
eu amei, e fui amado,
nunca o amar me enfadou.

22

Eu quiz e tu não quizeste,
tiveste opinião !
Agora já te não quero,
amor do meu coração!

23

Chorai, olhos, chorai, olhos,
qe'o chorar não é despreso!
Tambem a Virgem chorou
quando viu seu filho prezo.

24

Chamastes ao meu cabelo
canavial de Vianna;
eu tambem chamo ao teu
— a deshonra de quem ama.

25

Chamastes ao meu cabelo
dobadoura de dôbár
eu tambem chamo o teu
— sarilho de ensarilhar.

26

Dei um beijo numa negra,
Caticha! não quero mais!
Antes quero d'uma branca,
Inda que me custe mais.

27

Façamos, amor, façamos,
Como fazem os pombinhos:
Passarinhos innocentes
Dão abraços e beijinhos.

28

Estas meninas d'agora
são como a pera pigaça;
por dentro são combalidas,
por fóra cheias de graça.

29

Estes rapazes d'agora,
estes que d'agora são,
trazem 3 reis no bolso
com a sua presumpção.

30

Estes rapazes d'agora
não comem senão farello,
para guardar o dinheiro
para banha p'ro cabelo.

31

Estes rapazes d'agora
não comem senão farinha
para guardar o dinheiro,
e andar de lavitinha.

32

Puz-me a chorar saudades,
á beira d'agua que corre,
a agua me respondeu:
—quem tem canceiras não dorme!

33

Puzme a chorar saudades,
á beira da agoa corrente,
uma voz me respondeu:
—vaite embora, ó demente.

34

Pia o mocho no loureiro,
canta o melro no silvado,
canta o camponez no campo,
quando anda com seu gado.

35

O ladrão do negro melro
toda a noite assobiou;
pela fresca madrugada
bateu as azas, voou.

36

O ladrão do negro melro
onde foi fazer o ninho!
lá p'r'os lados de Vianna
no mais baixo pinheirinho.

37

O gallo, quando canta,
a gallinha cacareja;
o melro come azeitona,
e tambem pica a cereja.

38

O' pombinha branca
de bico de chumbo,
levame esta carta
ao cabo do mundo.

39

O' pombinha branca
de bico amarello,
levame esta carta
aonde eu quero.

40

Já lá vai aquelle tempo
qu'eu era sua criada,
que até vossè me batia
com o pau da sua ramada.

41

Pusme a contar as estrellas,
nãõ as acabei de contar:
faltoume a estrella do Norte
e a agulha de marear.

42

Bem alta vai a lûa
mais alto vai o lûar;
mais alta vai a *fortuna*
que o Senhor me ade dár.

43

Eu subi ao loureirinho
cheguei ao meio cahi;
se o loureirinho é morte
—ai de mim que já morri!

44

Salsa da beira do rio,
da beira do rio salsa;
mais vale uma feia liza,
do que uma bonita falsa.

45

Ao passar o ribeirinho,
quebrei a minha viola:
ajuntei os cacos todos
mandei fazer outra nova.

46

Minhas idas, minhas vindas,
minhas idas ao serãõ;
foi o meu tempo perdido,
minhas passadas em vãõ.

48

Annel de sette pedrinhas,
põete fora do meu dedo,
que tu foste o causador
d'eu tomar amores tão cedo.

49

Viola, minha viola,
bandurra, minha bandurra,
heide fazer um vestido
do coiro da minha burra.

50

Minha violinha nova,
de dezoito caravelhas,
para tocar á noite
á menina das ovelhas.

51

Heide fazer um relógio
da casca dum caranguejo.
meu coração não descança
no dia que te não vejo.

52

O' meu amor, quem te disse,
q'eu a dormir suspirava?
quem tu disse não mentiu,
q'eu por ti suspiros dava.

53

Levantai-vos, carvalheiras,
com a rama p'ró telhado:
deixai passar os romeiros
que vão par'ó S. Thiago.

54

Menina, dig'ó seu pai,
q'eu le direi se o vir,
que lhe não ande a ralhar
q'eu p'ra casa lhe heide ir...

55

O' mar sagrado,—ladrão!
quantas almas tens em ti?
roubaste-me o meu amor
já te vingastes de mim. (mi)

56

Limoeiro das calçadas,
já não torna a dar limões,
que le cortaram a rama
para render corações.

57

Já lá vai por o mar fóra
quem nos meus braços dormia:
era o mais bonito cravo
que no jardim se colhia.

58

De joelhos fui ao mar,
de joelhos fui ao fundo:
eu queria que me dissessem
quantos olhos tem o mundo!

59

Vai-te embora, amor ingrato,
eu não quero nada teu,
porque fostes dar a outro
aquillo que era só meu.

60

Quem quizer comprar q'eu vendo,
amores que enjeitei;
eu vendo-os baratinhos
bem baratos os comprei.

61

Cazei-me com uma velha
por causa da filharada,
ora o diabo da velha
teve dez d'uma ninhada.

62

S. João da beira mar
fez-te nascido n'areia:
pedi a S. Anastacio
que nos livre da cadeia.

63

S. João comprou um burro
para saltar as fogueiras,
—árre burro, salta, burro!
S. João que queimas as meias.

64

Eu pintei a cana verde
pintei-a como eu quiz,
tambem a heide pintar
na ponta do teu nariz.

65

A canna verde no mar
está enterrada no lodo:
quem a for desenterrar
ganha um cruzado novo.

66

Semei no meu quintal
a semente dum repolho:
nasceu ùa velha careca
c'ùa batata num olho.

67

Fui dormir com ùa velha
por um quarto de feijões.
óra o diabo da velha,
só me borrou os calções!

68

Semei no meu quintal
bacalhau frito às postas:
nasceu ùa velha careca
c'ùa crecunda nas costas.

69

Se o mar tivesse varandas,
fora-te ver ao Brazil;
mas o mar não tem varandas,
meu amor, por onde heide ir?

70

Se vires o mar vermelho
não te assustes que é sagrado:
são as lagrimas de sangue
q'eu por ti tenho chorado.

71

A canna verde no mar
anda á roda do hiáte
heid'ir d'aqui p'ara Lisboa
aprender a calafate.

72

A canna verde no mar
anda á roda do vapor;
ainda está para nascer
quem hade ser meu amor.

73

A água do rio vai turba,
eu não fui que a turbei:
agora, por meus peccados,
agua turba beberei!

74

O' meu amor, binho! binho!
q'eu agua num sei beber:
a agua tem «semeçugas»,
tenho medo de morrer.

75

Eu não saio de Barcellos
nem p'ro Perto bou murar:
bou murar p'ra Barcellinhos,
que lá me heide cazar.

76

Voubos dar a despedida
já não pôsso cantar mais,
que me doi o ceo da bocca,
e mais os dentes caxais!



